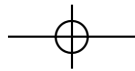
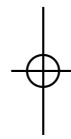


TITULO DA OBRA



copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2014
tradução© Tradutor
título original Título original
edição consultada Edição consultada
primeira edição Primeira edição
edição Jorge Sallum
coedição Luis Dolhnikoff
assistência editorial Luan Maitan

corpo editorial Adriano Scatolin,
Antônio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

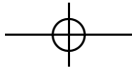
EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011, São Paulo-SP, Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

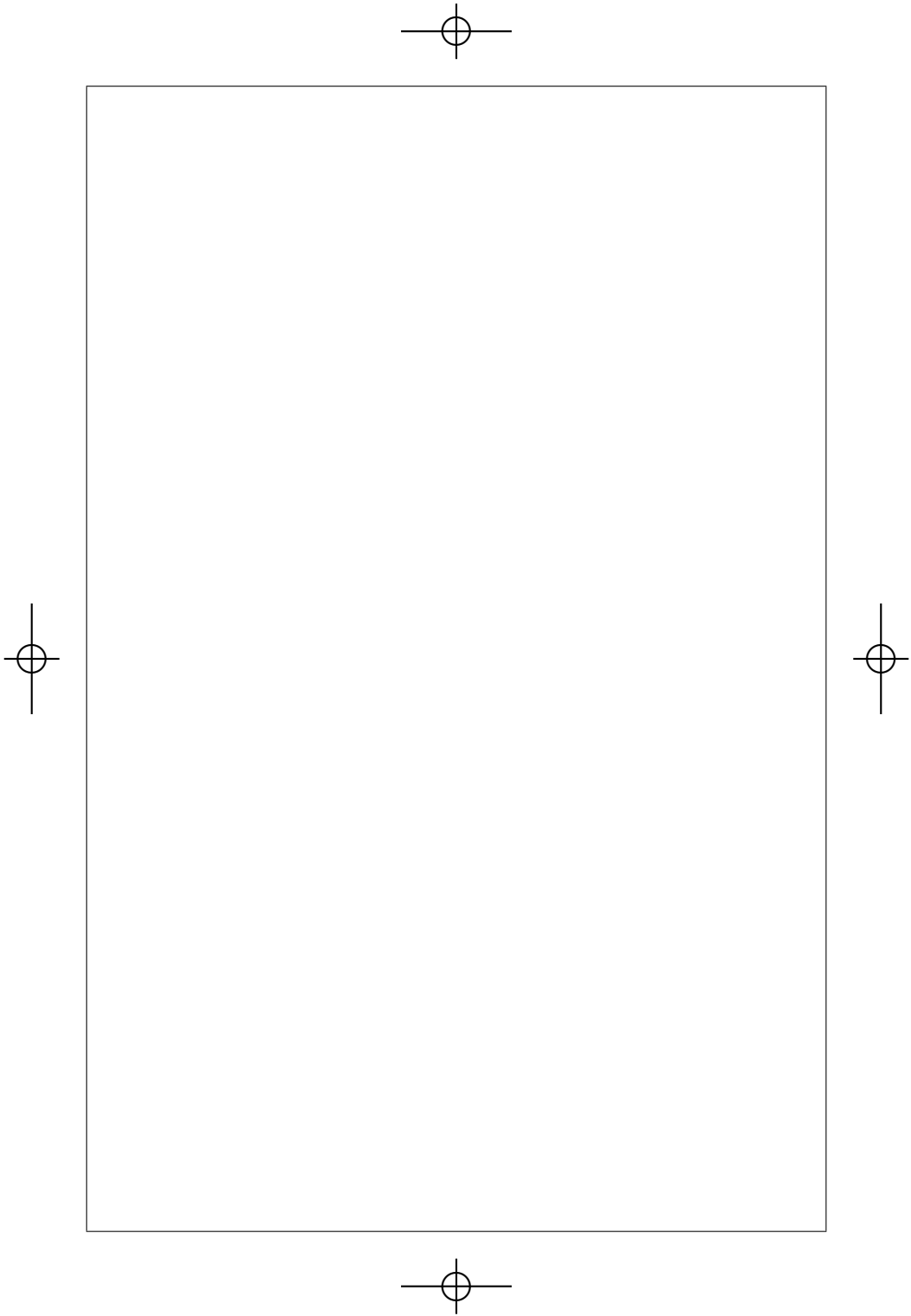
Foi feito o depósito legal.



┌ ───────────┐ ┌ ───────────┐

L J





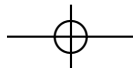
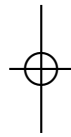
Sumário

A Aventura da Mona Lisa	7
Modo garantido de pegar qualquer criminoso. Rá!	
Rá!	17
Cherchez la Femme	47



TÍTULO DA OBRA

Sherlock Holmes e a Sociedade Internacional
dos Detetives Infalíveis
Carolyn Wells
Tradução: Francisco Araujo da Costa





A Aventura da Mona Lisa

Ilustrações de Reginald Bathurst Birch

Em seus aposentos na Fakir Street, os membros da Sociedade Internacional dos Detetives Infalíveis se reuniam para uma sessão extraordinária.

— Se algum de vocês — o Presidente Sherlock Holmes se pronunciou oficialmente, — tiver alguma sugestão...

— Meu caro Holmes — Arsène Lupin interrompeu. — Assim como você, não oferecemos nem aceitamos sugestões.

— Não — concordou a Máquina de Pensar. — Apenas observamos as pistas, deduzimos a verdade e anunciamos quem é o criminoso.

— Quais são as pistas? — perguntou o Monsieur Lecoq perguntou para o grupo.

Raffles olhou seriamente para o cavalheiro idoso e sorriu.

— As pistas são a moldura atirada na escadaria dos fundos, a vaga na parede do Louvre e os pregos sobre os quais o quadro estava pendurado.

— A vaga na parede tem o tamanho exato da Mona Lisa? — o Monsieur Dupin perguntou.



TITULO DA OBRA

— Isso não pode ser determinado, já que o quadro não está disponível para medirmos — Raffles retrucou. — Mas a Mona Lisa se foi e não há nenhuma outra vaga inexplicada nas paredes.

— As evidências não me parecem conclusivas — o Monsieur Dupin murmurou. — A lei não determina a necessidade de um corpo de delito?

— Essa questão não se faz presente — Arsène Lupin interrompeu.

— O quadro também não — Raffles observou.

Extenuado, Sherlock Holmes passou sua mão branca sobre o cenho.

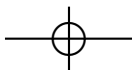
— Ordem, por favor.

— Cavalheiros, todos ouviram a descrição das pistas: a moldura descartada, o espaço vazio, os pregos à vista. A partir delas, deduzo que o ladrão tem um metro e setenta e oito centímetros de altura e pesa setenta e três quilos. Ele tem cabelo moreno e um dente de ouro. Sua saúde é razoável, mas um de seus primos de segundo grau sofreu de crupe na infância.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson exclamou, esfregando as mãos, estático. — Já está praticamente atrás das grades.

— Discordo, Holmes — Arsène Lupin declarou. — Na minha opinião, está evidente que o ladrão era loiro, um tanto baixo e corpulento, parecido com a tia-avó materna.

Holmes ficou pensativo por algum tempo.





A AVENTURA DA MONA LISA

— Não estou enxergando, Lupin — ele disse afinal. — E se repassar as pistas novamente, *com cuidado*, perceberá a falácia de suas inferências.

— Segundo Münsterberg... — Luther Trant começou, mas o Presidente Holmes o interrompeu.

— Cavalheiros — ele disse com seu sorriso saturnino. — Precisamos trabalhar cientificamente neste problema. A menos que encontremos o quadro roubado e condenemos o ladrão, não somos dignos de nossa fama profissional. Digam-me, quanto tempo vocês acreditam que demoraremos para alcançar nosso objetivo?

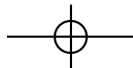
— Em uma semana, encontro o retratinho — o Monsiuer Dupin anunciou. — É preciso apenas raciocinar da seguinte maneira. Se...

— Ora, ora — a Máquina de Pensar disse, ranzinza. — Quem quer escutar os conselhos alheios? Vamos todos trabalhar independentemente uns dos outros. Para mim, uma semana será mais do que o suficiente para trazer tanto o quadro quanto o ladrão.

— Uma semana, bah! — Raffles exclamou, zombeteiro. — Entrego a tela desaparecida e o facínora em três dias, tenho certeza.

— Arsène de quanto tempo você precisa para o trabalho? — o Presidente Holmes perguntou, mantendo seu sorriso saturnino.

— Dois dias e o dinheiro da passagem — Arsène Lupin respondeu. — E você, Holmes?





TITULO DA OBRA

O sorriso no rosto de Sherlock Holmes se saturninizou mais um pouco.

— Já sei onde está, só preciso ir buscar — ele respondeu baixinho.

— Não é justo — Luther Trant reclamou, cortando as observações encarecidas do Dr. Watson.

— É perfeitamente justo — Holmes declarou. — Não tenho nenhuma vantagem em relação a qualquer um de vocês. Todos ouvimos uma lista das pistas, eu deduzi a solução do mistério. Se vocês não o fizeram, é porque não enxergam o óbvio.

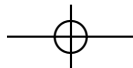
— Sempre desconfie do óbvio — Monsieur Dupin disse, didático.

O Presidente Holmes deu sua costumeira falta de atenção à frase e continuou a falar.

— Não temos mais por que conversar. Não somos um bando de consultores amadores. Somos todos famosos, especiais e infalíveis. Vamos todos seguir nossos caminhos, aplicar nossos diversos métodos próprios e ver quem encontra o quadro primeiro. Em sete noites, nos reuniremos aqui novamente. Quem trazer a Mona Lisa receberá os parabéns do resto da sociedade e, casualmente, a recompensa oferecida.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson exclamou antes que os outros pudessem falar.

Mas não havia mais o que ser dito. Os detetives famosos estão sempre taciturnos, silenciosos e





A AVENTURA DA MONA LISA

pensativos, mas com o olhar de quem vê no universo uma cartilha aberta.

Depois de se despedirem de diversas maneiras, os detetives foram embora para detectar. Sherlock Holmes sacou seu violino e tocou “Her Bright Smile Haunts Me Still”.

Uma semana se separou lentamente do futuro e transferiu seus laços para o passado. Mais uma vez, os aposentos da Fakir Street foram limpos e arrumados para a reunião. Às oito, a hora marcada, ninguém apareceu.

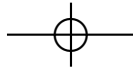
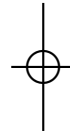
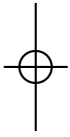
— Rá! — Holmes murmurou. — Todos falharam, mas nenhum ousou vir e admiti-lo. Apenas eu cumpri a missão, apenas eu logrei obter a inestimável Gioconda.

— Que marv... — o Dr. Watson começou, mas a porta se abriu e o Monsieur Dupin entrou com uma tela sob o braço.

O quadro estava enrolado em um xale velho, mas pelo tamanho, e pelo tamanho do sorriso no rosto de Dupin, até Watson deduziu que ali estava a tela na qual Leonardo jogara suas tintas por quatro anos.

— Ora, sim — M. Dupin disse, distraído. — Estou com ela. Vou apenas esperar pelos outros, para que possa apresentar meu prêmio e receber mais aplausos do que espero de você, Monsieur Holmes.

O sorriso de Holmes era apenas ligeiramente saturnino, mas antes que pudesse oferecer sua res-





TITULO DA OBRA

posta ácida, Lecoq apareceu com um rolo enorme, enrolado cuidadosamente em papel. Ele tinha um sorriso alegre e expansivo, mas quando avistou o objeto enrolado no xale, recostado contra a parede, o francês franziu a testa.

— O que é aquilo? — ele bradou. — Uma moldura dourada para a tela que trago comigo, porventura?

Provocado além do limite por essas palavras sarcásticas, Dupin correu até o xale e o arrancou.

— Observem, a Mona Lisa! Recuperada! Ah, a glória!

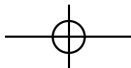
— Rá! — Lecoq exclamou e, desenrolando seu rolo, também mostrou a obra-prima de Leonardo da Vinci, original e indubitavelmente genuína.

Holmes olhou para as duas telas gêmeas, interessado.

— Sem dúvida nenhuma, são reais — declarou. — Ambas. Não se pode questionar a autenticidade de nenhuma delas. Da Vinci deve ter pintado a senhora duas vezes.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson entouou.

Mas os dois franceses não estavam dispostos a aceitar a declaração de Holmes e começaram a discutir verbosamente em seu idioma. O significado do seu excelente francês é que ambos acreditavam ter descoberto o quadro verdadeiro, enquanto o outro trouxera uma cópia.





A AVENTURA DA MONA LISA

A controvérsia foi interrompida pela esquisitice da Máquina de Pensar.

— Briguem o quanto quiserem — ele disse para os dois em sua voz esganiçada. — Não importa quem vencer, pois eu tenho a Mona Lisa verdadeira em casa. Eu não arriscaria trazê-la para cá. Ambas as de vocês são cópias, e cópias malfeitas, ainda por cima.

Foi quando apareceu Luther Trant, seguido de três mensageiros. Cada um trazia uma Mona Lisa, que ele colocou ao lado das que já haviam chegado.

— Uma delas é a real — Trant anunciou. — Não tive tempo de decidir qual, e meu sismosfigmógrafo está estragado. Mas depois descobri. Seja como for, é uma das três e fui eu que descobri.

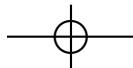
No meio do burburinho causado pela declaração, Raffles apareceu com um sorriso que brilhava de hilaridade.

— Sucesso! — ele gritou, e então entraram seus seguidores.

Estes eram cinco mensageiros, cuja carga total somava oito Mona Lisas: três homens-sanduíche traziam duas Giocondas cada, enquanto duas lavadeiras tinham um cesto com quatro.

— Todos esses quadros foram comprovados por especialistas — Raffles explicou. — Então um deles deve ser o verdadeiro.

— Ah — Arsène Lupin disse ao entrar. — *É mesmo?* Pois eu tenho uma carroça na entrada





TÍTULO DA OBRA

com uma pilha de Mona Lisas, e para cada uma delas obtive uma garantia assinada dos melhores especialistas.

Sherlock Holmes apenas assistia, com um sorriso que se saturninizava cada vez mais.

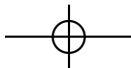
— Cavalheiros, cavalheiros — ele disse em seus tons mais fresados. — *Cavalheiros*, poderiam fazer a gentileza de entrar na sala ao lado.

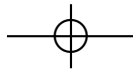
Ele entraram, mas delicadamente, como o rei Agague, pois o chão estava coberto até a altura dos joelhos com Mona Lisas. Quando chegaram à sala ao lado, foi como se entrassem em um multiscópio, pois as quatro paredes estavam revestidas — absolutamente *revestidas* — de Mona Lisas. E todas, sem exceção, tinha evidências indisputáveis, indubitáveis, impecáveis e incontroversas de serem o artigo autêntico e genuíno.

Muito além do vexame dos detetives em saber que Holmes superara a todos, imagine a pura alegria de poder admirar dúzias de Mona Lisas ao mesmo tempo! Lembre dos arrepios que o arrepiaram quando estava no Louvre e viu uma única obra-prima do grande pintor, mas então imagine aqueles arrepios multiplicados até virarem uma febre! Foi um grande momento psicológico.

— São *todos* autênticos? — Monsieur Dupin sussurrou afinal enquanto Raffles calculava seu valor coletivo para os colecionadores.

— Todos garantidos por especialistas — Holmes





A AVENTURA DA MONA LISA

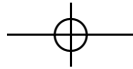
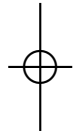
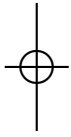
declarou, e então o telefone tocou.

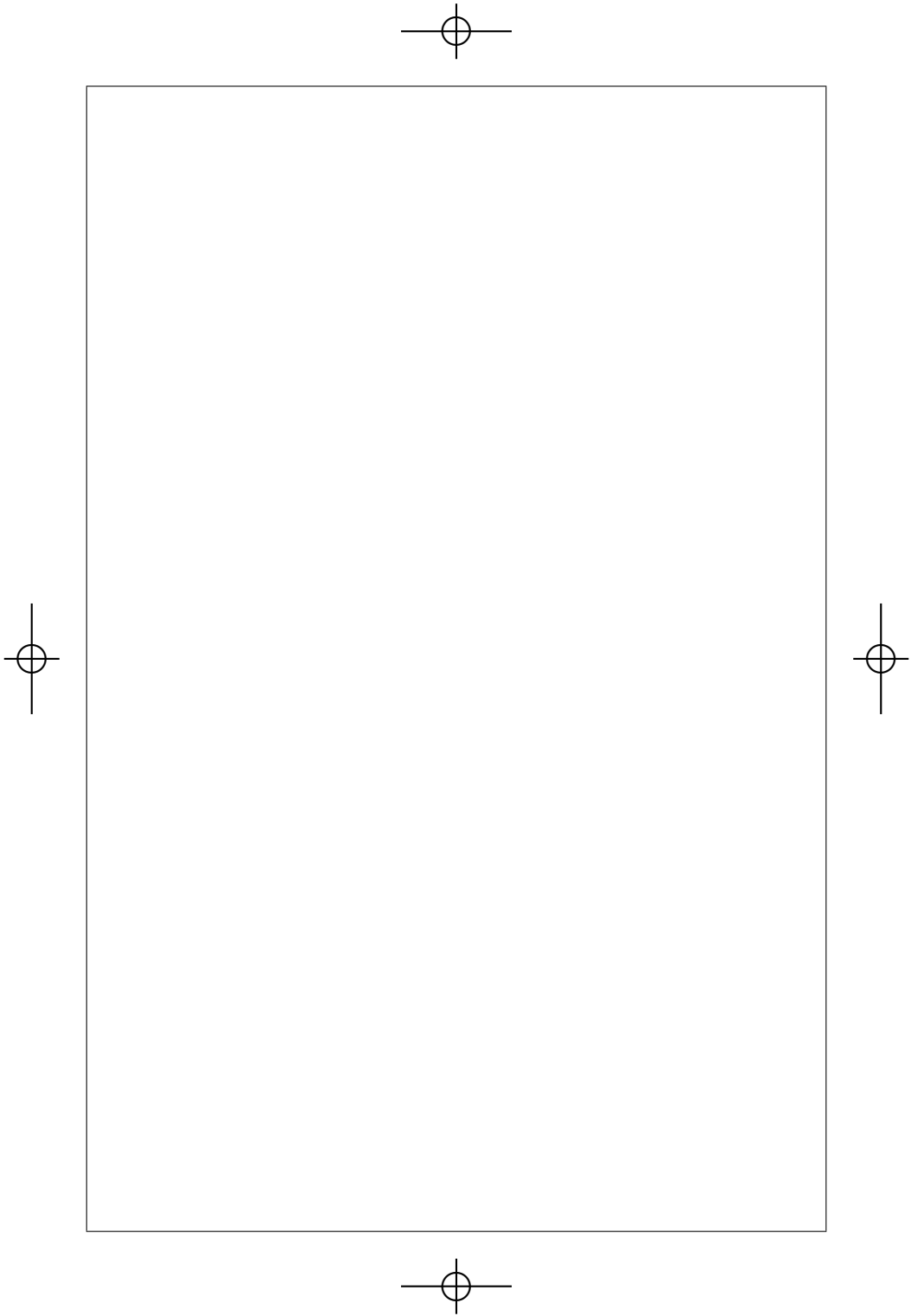
— Sr. Holmes? — disse o chefe de polícia.

— Sim — Sherlock respondeu, saturnino.

— Sr. Holmes, gostaria de informá-lo que apreendemos a Mona Lisa. O ladrão, que é paramarañoico, devolveu a tela e confessou o crime. Ele está de veras arrependido e, apesar de dever ser punido, o fato de ter confessado e então devolvido o quadro ileso com certeza será um atenuante. Tenho certeza que o senhor ficará muito contente com a devolução do nosso tesouro.

— Humpf! — Holmes disse, um pouco mais saturninamente do que de costume, enquanto colocava o telefone no gancho. — Quando um quadro é devolvido tantas vezes e tão mal quanto esse, uma devolução a mais ou a menos não importa. Agora, cavalheiros, podem começar uma imitação de cinema e coloquem esses quadros em movimento.





Modo garantido de pegar qualquer criminoso. Rá! Rá!

Sherlock Holmes, Raffles, Arsène Lupin, M. Lecoq, Carolyn Wells e Outros Detetives Infalíveis Testam a Nova Descoberta Científica do “Retrato Falado”

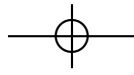
A Sociedade Internacional dos Detetives Infalíveis se reuniu no escritório luxuoso da Fakir Street, desta vez para uma sessão de indignação.

— Um completo absurdo — declarou o Presidente Sherlock Holmes. — O sistema Bertillon já é suficientemente desnecessário, mas esse *Portrait Parle* é mil vezes pior.

— O que é isso? — a Máquina de Pensar perguntou, ranzinza. — O que é um *Portrait Parle*?

— Não sabes nada de francês? — M. Lecoq perguntou com altivez. — É um... um retrato que fala.

— É um retrato falado — Raffles interrompeu.



TITULO DA OBRA

— Retrato falado! — Holmes exclamou. — É um absurdo gritado!

— É uma farsa berrante — Arsène Lupin contribuiu para a opinião geral.

— É uma vergonha ribombante! — Luther Trant observou, pensativo.

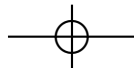
— Mas o que é? — a Máquina de Pensar reclamou. — Alguém me conte!

— Bem — disse Raffles, que era sempre educado aquele senhor idoso e rabugento. — É uma maneira de descrever criminosos de modo que sempre dê para reconhecê-los. É uma descrição especial de cada característica, um registro de cada medida e um relato detalhado de todas as peculiaridades que o suspeito possa ter.

— Perfeitamente absurdo! — Holmes proclamou. — Como se não fosse exatamente isso que deduzo a partir de pistas abstratas. As grandes deduções que são o alicerce da minha fama! Mostre-me as pistas que eu mesmo descrevo o *Portrait Parle*!

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — disse o Dr. Watson, mas um tanto mecanicamente, pois estava absorto em um experimento empírico complexo e tinha a cabeça dentro de um saco de borracha.

— Acho que é excelente — M. Lupin declarou. — Se tivesse tido algo assim para me ajudar quando era jovem, hoje seria ainda mais celebrado do que já sou.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Bobagem, ^{CRIMINOSO. RÁ! RÁ!} Lupin — Holmes respondeu, um leve traço de saturninidade na voz. — Apenas um detetive defeituoso precisa desse tipo de ajuda. Na minha opinião, o *Portrait Parle* elimina todas as minhas chances de produzir feitos espetaculares. Ele não me deixa espaço para deduções maravilhosas.

— E ainda por cima me deixa sem um comentário apropriado — completou Watson, que recuperara a cabeça.

— A detecção não é mais como antes — M. Le-coq reclamou. — Até o clima mudou, a “neve fraca” quase nunca mais cai no momento certo.

— Mas não se precisa de pegadas quando se tem impressões digitais — Luther Trant observou.

— Não — a Máquina de Pensar rosnou. — E com esse novo *Portrait Parle*, não se precisa nem de instinto de detetive.

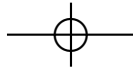
— É claro que não — Holmes assentiu, amargurado. — É o mesmo que ver o omelete e então deduzir os ovos quebrados.

— Que maravilha, Holmes, que maravilha — o Dr. Watson sussurrou, triste, temendo ser a última vez em que entoaria aquelas palavras.

Naquele momento, o telefone tocou. O Chefe de Polícia desejava falar com a sociedade.

Por estar mais próximo do instrumento, Arsène Lupin respondeu.

— Estamos com sorte, rapazes — ele disse após ouvir a mensagem. — O Chefe quer que cacemos





TITULO DA OBRA

um criminoso foragido e está nos mandando seu *Portrait Parle*.

A informação foi recebida com uma variedade de fungadas, bufadas e risadas, mas com a taciturnidade de um verdadeiro detetive, todos ficaram à espera da nova ferramenta de trabalho. Um mensageiro chegou com uma caixa, que Watson colocou sobre a mesa.

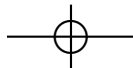
Os membros da sociedade se reuniram ao redor da mesa, pasmados e paspalhados, enquanto o Presidente Holmes erguia a tampa.

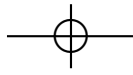
O que encontraram parecia ser um amontoado de tralha reunida às pressas: uma lanterna velha, uma pua, um gancho d ferro e uma machadinha. Em uma caixa pequena, os detetives encontraram um escaravelho ou besouro egípcio. Em outra caixa havia uma maçã e uma cenoura, enquanto uma folha de papel-pardo enrolava uma costeleta crua. Uma caixa de confeitaria continha uma torta tentadora.

Raffles olhava cobiçoso para a torta, mas ele era, afinal de contas, um mero detetive diletante. Os outros, sendo o artigo genuíno, desprezavam a ideia de comida, exceto pela Máquina de Pensar, que desejava ardentemente mordiscar a maçã.

O Presidente Holmes cruzou os braços e lançou um olhar que era saturnino até a ponta dos dedos.

— O que vocês escutam nesse *Portrait Parle*, cavalheiros? — ele perguntou.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

CRIMINOSO. RÁ! RÁ!

M. Lupin enfiou as mãos nas lapelas alamardas.

— É um esquema perfeito — ele anunciou em um tom oracular. — Observe como construímos nosso homem imediatamente. É um arqueólogo, como nos informa o escaravelho.

— E um açougueiro, como mostra a costeleta — interrompeu M. Lecoq, sempre o rival ciumento do compatriota.

— É um confeitoiro — sugeriu Raffles, ainda de olho na torta, que era de merengue.

— Um carpinteiro é mais provável — disse Arsène Lupin. — Observem a pua, a machadinha e o enorme gancho de ferro.

— E a lanterna? — Holmes perguntou, aquilino, para variar.

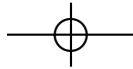
— Significa um fazendeiro — a Máquina de Pensar gemeu, insistente.

— Absolutamente — Holmes disse. — Prova que procuramos um homem honesto.

Watson declamou algumas palavras escolhidas a dedo e depois Raffles respondeu airoso:

— Mas estamos em busca de um criminoso. A lanterna significa apenas que a questão não é sombria demais, afinal.

— A cenoura sugere que somos asnos? — quis saber M. Lecoq, que não demorava para perceber sugestões implícitas.





TITULO DA OBRA

Ninguém respondeu, no entanto, pois todos queriam desvendar o significado do *Portrait Parle*.

— A machadinha indica algo enterrado, como fazem os índios — Holmes refletiu. — E a lanterna será útil para desenterrar.

— Não precisamos cavar à noite — Raffles disse. — Creio que a costeleta e a torta indicam a hora do jantar.

— Bem, precisaremos cavar, de um jeito ou de outro — Holmes persistiu.

— É óbvio — Lupin disse solenemente. — Obviamente, o besouro é a pista, como foi o Escaravelho de Ouro. É um caso de tesouro enterrado. O Gancho, obviamente, é uma localidade, uma península ou costa rochosa.

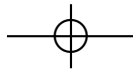
— E a maçã indica o Jardim do Éden, imagino — Arsène Lupin aombou. — É longe demais, me recuso a ir.

— Você é literal demais — a Máquina de Pensar se impacientou. — Esses objetos são meras sugestões imaginativas. A maçã nos lembra de Páris e Helena, de modo que, concluo, o criminoso que estamos buscando é uma bela mulher.

— Então vamos *cherchez la femme*! — Raffles exclamou, sempre galante.

— Nunca vamos fazer nada trabalhando juntos — Holmes disse afinal. — Todos os detetives famosos devem se afamar sozinhos. Sigam cada um o seu caminho, meus caros. Lembrem do *Portrait*





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

Parle e voltem ^{CRIMINOSO. RÁ! RÁ!} amanhã à noite com o criminoso que ele representa.

Contentes por poderem seguir seus métodos favoritos e conhecidos, os detetives infalíveis encerraram a reunião e desapareceram.

Os membros da sociedade marcharam de volta à Fakir Street na noite seguinte em triunfo, cada um levando o criminoso que selecionara, cada um seguro na complacência do verdadeiro detetive de ter achado o homem certo.

M. Lupin prendera um arqueólogo proeminente, a Máquina de Pensar trouxera um fazendeiro abastado e arrogante e Raffles trouxe um pasteleiro francês garboso. Cada um tinha sua presa e, quando a reunião teve início, o Presidente Holmes se preparou para ouvir e julgar as diversas alegações da sua própria perspectiva infalível.

O telefone tocou.

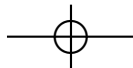
— É o Sr. Holmes? — o Chefe de Polícia perguntou.

— Sim — Holmes respondeu, asinino — quer dizer, aquilino.

— Bem, encontramos o criminoso que queríamos, então vocês podem cancelar sua busca.

— É mesmo? — Holmes disse. — Eu poderia solicitar que você o trouxesse aqui para compará-lo com o *Portrait Parle* que me enviou?

— Vou levá-lo imediatamente — respondeu o Chefe, que era cortês e prestativo.





TÍTULO DA OBRA

Os membros da Sociedade Internacional dos Detetives Infalíveis ficaram sentados, sérios e soturnos, até o Chefe chegar, trazendo consigo um criminoso de aparência abjeta, que todos analisaram interessados. O homem com certeza não era cientista e não parecia ser um fazendeiro. Também nada indicava um carpinteiro ou um pasteleiro.

— Infelizmente — o Presidente Holmes entouu sarcasticamente, — creio que não somos totalmente fluentes no idioma do seu *Portrait Parle*.

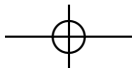
— Não? — o Chefe de Polícia se surpreendeu. — Ora, meu caro senhor, basta olhar para este homem para ver que o *Portrait Parle* que lhe enviei é uma fotografia perfeita. Observe seus traços!

— Ele não tem um queixo comprido de lanterna, a sobrelha espessa do besouro, o olhar penetrante da pua e o rosto fino como a machadinha? Ele não tem um nariz de gancho, costeletas no cabelo cor de cenoura e boca redonda que nem uma torta? Vocês são assim tão burros que não conseguem entender uma descrição falada?

— Basta, Chefe — Holmes disse, acenando com sua longa mão branca. — Basta, seu *Portrait Parle* é um tagarela!

1. A Aventura do Bebê Perdido

Ilustrações de H. C. Townsend



Os membros da Sociedade Internacional dos Detetives Infalíveis estavam reunidos em seus aposentos na Fakir Street. Era um dia muito chuvoso e todos torciam, desesperançados, para que um caso digno de seus intelectos individuais e coletivos lhes fosse trazido. Finalmente, como último recurso, Arsène Lupin disse ao presidente, desesperado:

— Olhe pela janela, Holmes! Quase sempre que olha, você vê um caso chegando.

Dando de ombros entediado, Sherlock Holmes removeu o cachimbo do semblante finamente esculpido e colocou-o cuidadosamente em um suporte bordado que lhe fora presenteado por um cliente grato, um homem de tez clara e adepto da Igreja Episcopal cujas pérolas desaparecidas ele encontrara. Vagueando em direção à janela, ele olhou saturninamente para a paisagem de umidade perpendicular.

— Está tudo bem — ele disse, melancólico. — Lá vem ela. Uma senhora de meia-idade, não pobre, mas um tanto parcimoniosa, antissufragista e leitora do *The Ladies' Own Ledger*. Ela perdeu um artigo de grande valor.

Mas Holmes falou lentamente, e Watson teve tempo apenas de pronunciar a primeira sílaba de seu clichê clássico quando a senhora foi anunciada.

— Boa tarde, cavalheiros — ela disse, acomodando-se na cadeira oferecida pelo jubiloso Dr. Watson.

O Presidente Holmes olhou fixamente para ela,



TITULO DA OBRA

como se lesse e traduzisse sua alma secreta.

Lupin, Dupin, Lecoq e Vidocq, que haviam se erguido, fizeram medidas francesas em ângulo reto, as mãos no coração. A Máquina de Pensar se manteve no assento e a observou fixamente com seus olhos azuis ranzinhas, com o queixo descansando sobre os dedos entrelaçados, que por sua vez descansavam sobre sua bengala nodosa, que, por sua vez, descansava, obviamente, sobre o chão. Luther Trant se mexeu na cadeira, irrequieto, e Raffles abriu um sorriso insinuante como galanteador que era.

— Deduzo que está chovendo — Holmes disse, olhando gravemente para a visitante.

— Isso você já sabia — Lupin observou, olhando galicamente de soslaio.

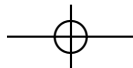
— Mas ignorei — Holmes declarou. — Deduzi apenas pelo guarda-chuvas e as galochas da senhora.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson exclamou, emocionado até o último fio de cabelo.

— A senhor perdeu alguma coisa, madame — Holmes continuou, balançando seu indicador saturnino para ela.

— Céus, senhor! Como sabia disso? Saiu nos jornais?

— Não. Mas tenho certeza que a senhora não está envolvida em um caso de assassinato, e não há nenhum outro crime no mundo além do roubo.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

CRIMINOSO. RÁ! RÁ!
Logo, deduzo que a senhora foi roubada. O artigo que perdeu foi...

— Holmes! — a Máquina de Pensar exclamou, ranzinza. — Deixe a senhora nos contar o que perdeu! Sobre isso, ela sabe mais do que você.

— Não tenho certeza disso — Holmes retrucou dubiamente, um sorriso sério iluminando seu rosto sombrio. — Mas continue, madame, conte-nos o que sabe, ou acha que sabe, sobre o caso.

— Bem, senhor, eu sou viúva.

— Deduzi que é viúva — Holmes interrompeu, — assim que vi sua aliança de casamento e o véu de crepe preto.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson observou, um tanto mecanicamente.

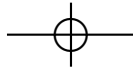
— Você também deduziu que ela lê *The Ladies' Own Ledger* — Vidocq disse. — Qual é a prova?

Languidamente, Holmes ergueu seu indicador cansado e apontou para o jabô na garganta da senhora. Realmente, ele era feito de um pano turco, trançado delicadamente na forma certa, trabalhado em desenhinhos com algodão vermelho. O enfeite fora descrito na edição daquele mesmo mês, como todos sabiam.

— E como você sabia que ela era antissufragista? — a Máquina de Pensar perguntou.

— Todos os babados em suas anáguas, que vi se chacoalhando enquanto ela cruzava a rua.

— E que ela era parcim...





TÍTULO DA OBRA

Mas a pergunte pouco educada de Lecoq foi interrompida por Raffles, que colocou as duas mãos sobre a boca do colega.

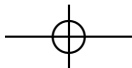
— Mas que disparate! — Holmes exclamou. — Se ela podia usar essas roupas de baixo extravagantes, ela poderia se dar ao luxo vir de táxi, mas não viera, ela estava... estava... caminhando por motivo de saúde — Holmes concluiu, pois a senhora olhava fixamente para o presidente.

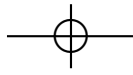
— Meu nome é Plummer — ela começou. — Sra. Ezra J. Plummer, mas suponho, senhor, que saberia disso também se eu não tivesse lhe contado.

— Obviamente — Holmes respondeu, descuidado. — Continue.

— Eu moro sozinha desde que Ezra morreu, vai fazer dezenove anos em junho, e cuido da minha casa como sempre cuidei. Não sou dessas de mudar meus móveis cada vez que a moda decide que está na hora. As cadeiras de veludo na minha sala de estar ainda estão tão boas quanto no dia em que as compramos; duas são vermelhas, três são verdes e o sofá é vermelho. Elas têm armações de ébano, com realces em dourado, e não se acha em lugar nenhum um conjunto mais bem arrumado do que o meu.

— Que mobiliário charmoso — Raffles disse, polido. — Uma bela ideia essa a de alternar vermelho e verde. E a senhora perdeu essas cadeiras, Madame?





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Não, senhor, ^{CRIMINOSO. RÁ! RÁ!} ladroes não roubam cadeiras. O que eu perdi foi uma obra de arte, a decoração principal da minha sala, meu bem mais valioso. Um tesouro! — e com isso a Sra. Plummer perdeu o controle e pôs-se a chorar.

Os quatro cavalheiros franceses, tendo personalidades solidárias e emotivas, também choraram. A Máquina de Pensar se remexeu na cadeira, desconfortável.

O Presidente Holmes olhou pela janela com os braços cruzados placidamente.

— Uma obra de arte! — sibilou. — Rá, um caso paralelo ao da Mona Lisa! O que foi, madame? Um quadro, uma estátua?

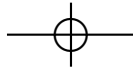
— Ah, como você é esperto! — ela exclamou. — Está chegando perto. Tente de novo!

— Uma estatueta, uma antiguidade, uma raridade, um bronze? — os detetives ansiosos sugeriram um depois do outro.

— Não! — a Sra. Plummer exclamou. — Vocês nunca vão adivinhar! Foi um Rogers Group.

— Rogers Group! O que é isso? — Lecoq perguntou, pois a fama do Grande Agrupador jamais penetrara sua terra natal inculta.

— Ah, senhor — a Sra. Plummer exclamou. — Um dos modelos mais primorosos! Era “Pesando o Bebê” e, ah, se ao menos o senhor pudesse ver a cena, o médico idoso erguendo os óculos, a en-





TITULO DA OBRA

fermeira com as mãos firmes, a criancinha... ai, a criancinha! Sumiram!

Mais uma vez ela se abateu e começou a chorar, como fazem as mulheres quando o assunto são bebês. Os quatro cavalheiros franceses, solidários, seguiram seu exemplo copiosamente.

— Ah, um caso de sequestro! — Luther Trant exclamou.

— Quanto pesava o bebê? — a Máquina de Pensar indagou, tenso.

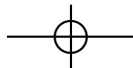
— Continue, madame — o Presidente Holmes interrompeu. — Conte os detalhes do roubo.

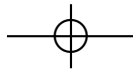
— Bem, meus senhores, foi assim. Esta tarde saí para o encontro da Sociedade de Costura e, obviamente, tranquei a casa como sempre faço. O Rogers Group estava na sala de estar, sobre uma mesa com tampo de mármore, descansando sobre um lenço de pelúcia vermelho-granada. Senhores, todas as janelas da sala de estar estavam protegidas por pega-ladrões e a porta da frente estava chaveada. Em suma, todas as portas e janelas estavam absolutamente trancadas.

— Em outras palavras, a sala de estar estava hermeticamente selada! — Luther Trant declarou.

— Rá! Hermeticamente selada! — exclamou Rouletabille. — É tudo que um caso precisa para ficar interessante! Conte mais!

— Saí às duas horas — a Sra. Plummer continuou, dramática. — Saí às duas, mas às quatro,





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

quando voltei, o ^{CRIMINOSO. RÁ! RÁ!}Rogers Group havia sumido! Sem deixar vestígios, senhores. Desaparecidos, o bebê e o doutor, a balança e a enfermeira... desaparecidos!

— Desaparecidos! Desaparecidos! — Dupin ecoou, torcendo as mãos. O detetive muitas vezes era dominado por um excesso de solidariedade, assim como acontecia com os outros cavalheiros franceses.

— E a casa hermeticamente selada! — ponderou Rouletabille, exultante. — Não existe problema mais delicioso! Vocês lembram que em “O Quarto Amarelo”, eu...

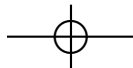
— Havia alguma pista? — o Presidente Holmes perguntou, cortando propositalmente as reminiscências do francesinho.

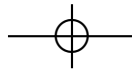
— Não sei, senhor — ela respondeu. — Ouvi falar que não se toca no cadáver até o legista chegar, então achei que o mesmo valeria em caso de roubo. Então tranquei a casa de novo e vim correndo.

— Muito correta — Holmes aprovou, saturnino. — Vou para lá imediatamente. Venha, Watson.

Apesar de aparentemente ignorados, os outros recolheram seus chapéus e saíram voando pela porta, ansiosos por serem os primeiros na cena do crime, como apenas verdadeiros detetives conseguem ser.

A chuva havia parado, então o grupo foi caminhando a passos largos pelo pavimento ainda úmido. Finalmente, a Sra. Plummer destrancou so-





TÍTULO DA OBRA

lenemente sua porta de entrada e conduziu os dez homens até o local.

— A sala! Qual é a sala certa? — Rouletabille perguntou, rouco, pois aquele era justamente o tipo de caso que deleitava sua alma.

— Aqui! — e a Sra. Plummer abriu a porta com um gesto dramático.

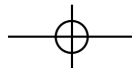
Como anunciado, a janela saliente na qual o Rogers Group ficara exposto orgulhosamente por dezenove anos estava vazio. Desaparecida, uma obra de arte inestimável! Desaparecidos, o médico gentil, a enfermeira orgulhosa e o bebê rechonchudo!

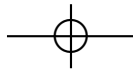
— Rá! Pegadas! — o Presidente Holmes murmurou.

Em um instante, Holmes estava de joelhos com a lupa, o compasso e a régua T. Mas a lupa era desnecessária, pois as pegadas eram de tamanho considerável. Com todo o cuidado, Holmes colocou um diagrama de escala e, com a ajuda de alguns dos outros, recortou uma matriz de papel exatamente igual às pegadas, para a seguir entregar uma cópia a cada um dos membros do clube. Com essa pista, eles rastrearão o criminoso.

— E vamos conseguir! — disse Vidocq, confiante.

— Ora, essas pegadas são minhas — a Sra. Plummer disse, como se as palavras lhe fossem forçadas pela consciência. — Quando cheguei, a lama ainda est...





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Por que não nos disse isso logo no princípio?
— Trant quis saber.

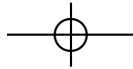
— Vejam vem, eu estava com meus sapatos velhos, e eles sempre foram grandes demais para mim mesmo.

— Que belo exemplo do eterno feminino! — Trant comentou. — Um instante! O facínora deve ter deixado impressões digitais. Vou fotografar este cobertor de chenille de pelúcia e essas cadeiras apoluciadas, com sorte encontro uma impressão do polegar.

Mas os próximos momentos revelaram resultados surpreendentes. Dúzias de impressões digitais foram identificadas nas superfícies empoeiradas das peanhas e do consolo da lareira. Raffles encontrou um tufo de penas, sem dúvida nenhuma caído da boá de uma senhora. A Máquina de Pensar encontrou um lenço com o monograma “G”, Dupin encontrou uma carta velha, Vidocq um estojo de óculos e Lecoq uma luva. Raffles achou também um barrete cinza e Holmes recolheu uma lista de compras.

— Cavalheiros — o Presidente convocou. — Todos têm suas pistas individuais. Sigam pelos seus caminhos, façam suas deduções e compareçam aos nossos aposentos amanhã, quando vou mostrar a todos vocês quem foi o ladrão.

Os Detetives Infalíveis foram cada um para um lado, secretamente enfurecidos com a arrogância





TITULO DA OBRA

de Holmes.

No dia seguinte, às três horas da tarde, todos marcharam de volta até os aposentos da associação, cada um trazendo consigo uma moradora da cidade.

— Rá! — Holmes exclamou. — O vilão parecer ser plural.

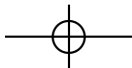
— E feminino — a Máquina de Pensar completou, olhando de soslaio para a senhora rechonchuda que capturara.

— Primeiro temos que tirar fotos de todas elas — Holmes declarou.

— Já esperávamos — disse a Sra. Green, identificada pelo “G” de seu lenço e que atuava como porta-voz do grupo. — Estamos com nossos melhores vestidos de propósito. Vamos tirar fotos individuais ou em grupo?

As senhoras ficaram agitadas, na expectativa agradável de serem fotografadas. Após completado o retrato, os detetives questionaram suas cativas, todas as quais haviam identificado facilmente pelas diversas pistas deixadas para trás. Todas declararam que haviam estado presente na sala de estar da Sra. Plummer entre as duas e as quatro horas da tarde passada.

— Então vocês confessam que furtaram o Rogers Group da Sra. Plummer? — Holmes perguntou.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Confessamos! ^{CRIMINOSO. RÁ! RÁ!} — as senhoras entoaram em uníssonos.

— Admitem que o levaram com intenções criminosas, em outras palavras, que o roubaram?

— Sim — as senhoras declararam unanimemente. — E você não pode nos prender por isso, pois podemos provar que estávamos no nosso direito.

— Provem — o Presidente Holmes disse.

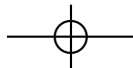
— Eu sou a presidente — a Sra. Green começou. — Estas senhoras são membros de nossa Associação de Melhoramentos da Vila. No interesse da nossa obra, muitas vezes somos forçadas a remover...

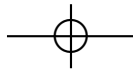
— Ah, sim — Holmes exclamou. — Entendo muito bem. Sim, sim, muito bem! Nem mais uma palavra, eu lhes imploro, minha cara! Tudo está explicado. As senhoras estão escusadas e a Sra. Plummer não tem como proceder, absolutamente, não tem. Muito boa tarde, senhoras.

— Ah, sim, mas peço que se detenham por mais um momento — disse Rouletabille, arregalando seus olhos ansiosos, ainda cheio de interesse pelo caso. — Por favor, posso pedir a solução da única pergunta que me interessou neste caso? Como vocês entraram na casa selada hermeticamente?

A Sra. Green olhou com pena para o detetive.

— Meu senhor, eu peguei a chave debaixo do capacho e depois coloquei de volta no lugar.





TÍTULO DA OBRA

1. A Aventura do Varal

Ilustrações de Frederic Dorr Steele

Os membros da Sociedade dos Detetives Infalíveis estavam sentados, sendo socialmente infalíveis em seus aposentos na Fakir Street, quando o Presidente Holmes apareceu. Ele estava muito mais saturnino do que de costume e os outros deduziram imediatamente que algo acontecera.

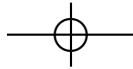
— E foi o seguinte — Holmes disse, percebendo que eles haviam percebido. — Foi oferecida uma recompensa pela solução de um grande mistério, tão grande, caros colegas, que temo que nenhum de vocês será capaz de resolvê-lo, ou sequer de me ajudar no trabalho maravilhoso que produzirei para desvendá-lo.

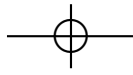
— Humpf! — grunhiu a Máquina de Pensar, cravando seus olhos azuis acrados no falante.

— O colega fala por todos nós — Raffles disse com seu sorriso sedutor. — Abra o jogo, Holmes. O que é que há?

— Explicar um ocorrido deveras misterioso que sucedeu no Lado Leste da cidade.

Apesar de ser um homem alto e magro, Holmes falava curto e grosso, pois estava zangado com a atitude desatenta de seus colegas reunidos. Mas ele ainda tinha seu Watson, é claro, então aturava a indiferença do resto do mundo frio ao seu redor.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Os ocorridos no Lado Leste não são todos misteriosos? — Arsène Lupin perguntou com um olhar aristocrático.

Holmes passou o cenho cansado por sob a mão.

— O Inspetor Spyer percorria a Estrada Elevada, uma das avenidas de número menor da cidade, quando, passando pelo distrito dos cortiços, viu um varal estendido de uma janela de andar alto até outro sobre um pátio.

— Era uma segunda-feira? — perguntou a Máquina de Pensar, que por um instante pensou que era uma máquina de lavar.

— Isso não importa. Aproximadamente no meio da corda estava suspensa...

— Por prendedores? — perguntaram dois ou três dos Infalíveis ao mesmo tempo.

— Estava suspensa uma linda mulher.

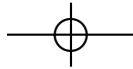
— Enforcada?

— Não. *Escutem!* Ela estava pendurada pelas mãos e evidentemente tentava cruzar o varal de um apartamento até o outro. Pelo rosto exausto e agoniado, o inspetor temeu que ela não conseguiria se sustentar por muito mais. Ele saltou do seu assento e correu para ajudá-la, mas o trem já havia partido e ele não conseguiu descer a tempo.

— O que ela estava fazendo?

— Ela caiu?

— Como ela era?





TITULO DA OBRA

Essas e várias outras perguntas sem sentido caíram dos lábios dos grandes detetives.

— Fiquem quietos e contarei todos os fatos conhecidos. Ela era um membro da alta sociedade, isso está claro, pois vestia um vestido de baile de *chiffon*, uma daquelas peças com o topo caído. Ela vestia joias elegantes e sapatos delicados, com fiavelas encrustadas de joias. O cabelo, livre de suas amarras, pendia em cachos pesados até as costas.

— Que extraordinário! Qual é o significado disso tudo? — perguntou Monsieur Dupin, que era sempre claro e direto.

— Ainda não sei — Holmes respondeu honestamente. — Tenho estudado a questão há apenas alguns poucos meses. Mas vou descobrir, mesmo que tenha que demolir todos os cortiços da quadra. Deve haver uma pista em *algum* lugar.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — disse um fonógrafo no canto da sala, que Watson havia instalado, pois ele precisara sair.

— A polícia pediu que investiguemos o caso e ofereceu uma recompensa pela solução. Descubram quem era a dama, o que estava fazendo e o porquê.

— Há alguma pista? — perguntou Monsieur Vidocq.

— Alguma pegada? — acrescentou Monsieur Lecoq simultaneamente.

— Uma pegada, nenhuma outra pista.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Onde está a ^{CRIMINOSO, RÁ! RÁ!} pegada?

— No solo, abaixo de onde a dama estava dependurada.

— Mas você disse que a corda ficava suspensa bem no alto.

— Mais de trinta metros de altura.

— E ela desceu e deixou uma única pegada. Estranho! Muito estranho! — e a Máquina de Pensar balançou sua cabeça idosa e amarelada.

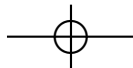
— Ela não fez nada disso — Holmes disse, petulante. — Se vocês se dessem ao trabalho de escutar, quem sabe ouvissem alguma coisa. Os moradores dos cortiços foram questionados, mas nenhum deles estava em casa na hora do ocorrido. Havia uma parada na rua ao lado e todos haviam saído para assistir.

— E havia caído uma neve fraca na noite anterior? — Lecoq perguntou, ansioso.

— É óbvio que sim — Holmes respondeu. — Se não, como saberíamos alguma coisa? Bem, a dama deixou cair seu sapato e, apesar do item não ter sido encontrado, tendo sido anexado pelos primeiros moradores do cortiço a chegarem em casa, eu tive a oportunidade de estudar a pegada. O sapato era tamanho 33, pequeno demais para ela.

— Como você sabe?

— As mulheres sempre usam sapatos pequenos demais para elas.





TITULO DA OBRA

— Então como ela deixou cair? — Raffles retrucou, triunfante.

Holmes lançou um olhar de pena.

— Ela o atirou porque ele estava apertado demais. As mulheres sempre tiram os sapatos quando jogam *bridge*, ou no camarote da ópera, ou durante o almoço.

— E sempre quando estão cruzando um varal? — Lupin perguntou com o máximo de sarcasmo.

— Naturalmente — Holmes respondeu, franzindo a testa taciturnamente. — A pegada denota claramente uma dama rica e conhecedora da moda, de estatura relativamente baixa, pensado cerca de setenta quilos. Ela era de natureza animada...

— Animação suspensa — Luther Trant brincou.

— Como na Caixa de Dâmocles, ou seja lá quem for — completou Sprague, o Científico.

Mas Holmes desaprovava dessa leveza de espírito.

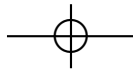
— Precisamos descobrir o que isso significa — ele disse em seu tom mais melancólico. — Já tenho o traçado da pegada.

— Gostaria de saber se o sismosfigmógrafo vai funcionar nele — Trant refletiu.

— Eu sou o Príncipe das Pegadas — Lecoq declarou, pomposo. — *Eu* vou solucionar o mistério.

— Façam o melhor que puderem, todos vocês — disse o ilustre presidente. — Temo que não terão muito sucesso, pois essas questões são ininteligí-





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

CRIMINOSO. RÁ! RÁ!
veis para os ininteligentes. Mas estudem o caso e voltem aqui em uma semana, com suas respostas datilografadas, sem erros de ortografia, em uma única página.

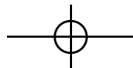
Os Detetives Infalíveis partiram, todos demonstrando um comportamento caracterizado por uma alegria sanguínea que em nada foi capaz de impressionar seu presidente, acostumado como era a impressões sanguíneas.

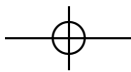
Eles dedicaram os sete dias reservados ao estudo do problema, e boa parte das sete noites também, pois todos queriam mergulhar naquele segredo desconcertante à luz de vela e à luz do sol, como a Sra. Browning expressou poeticamente.

E quando a semana passou, os Infalíveis se reuniram mais uma vez no santuário da Fakir Street, um sorriso arrogante estampado em cada um dos rostos, o semblante de alguém que saíra ao encalço de uma presa que agora estava devidamente presa e estava preparado para receber sua justa recompensa.

— E agora, — o Presidente Holmes anunciou — como nada pode ser ocultado dos Detetives Infalíveis, presumo que todos descobrimos por que a dama estava pendurada do varal acima do abismo profundo e perigoso que é o pátio de um cortiço.

— Descobrimos — responderam seus colegas, em diversos tons de orgulho, arrogância e falsa modestia.





TITULO DA OBRA

— Não consigo imaginar — o presidente continuou com sua voz de gavião — que algum de vocês encontrou a verdadeira solução desse mistério, nem por acaso, mas estou disposto a escutar suas tentativas amadoras.

— Como membro mais velho da nossa organizações, contarei minha solução primeiro — Vidocq disse, calmo. — Não consegui encontrar a dama, mas estou convencido que ela era meramente uma trapezista ou equilibrista de extrema habilidade, praticando um novo truque para impressionar seu público em Coney Island.

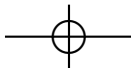
— Bobagem! — Holmes exclamou. — Nesse caso, a dama vestiria uma malha. Fomos informados que ela usava um vestido de baile completo, da última moda.

Arsène Lupin foi o próximo a falar.

— É fácil demais — ele disse, entediado. — Ela era uma datilógrafa ou estenógrafa que, incomodada pelas atenções de seu empregador, estava tentando escapar do monstro.

— Mais uma vez, chamo sua atenção para as vestes que usava — Holmes disse, com um ar de intolerância em seu rosto finamente esculpido.

— Sem problema — Lupin devolveu, relaxado. — Essas meninas se vestem de qualquer jeito! Já vi elas por aí, não veem nada de errado em usar vestidos de gala para trabalhar.





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

— Humpf! ^{CRIMINOSO. RÁ! .RÁ!} — disse a Máquina de Pensar, e todos os outros concordaram.

— Próximo — Holmes disse, inflexível.

— Eu sou o próximo — Lecoq começou. — Sugiro que a dama havia escapado de um hospício para lunáticos das redondezas. Ela tinha a ilusão de que era um casaco velho e que as traças lhe haviam atacado. Assim, obviamente, ela se pendurou no varal. Essa teoria da insanidade também explica o fato do cabelo da dama estar solto. Ela estava como *Ofélia*, ora.

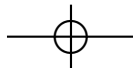
— Teria sido mais fácil engolir algumas boas bolas de naftalina — Holmes disse, olhando para Lecoq em um silêncio tempestuoso. — O Sr. Gryce é um deduzidor experiente. Qual foi a *sua* conclusão?

O Sr. Gryce grudou os olhos na ponta da bota direita, seguindo seu famoso hábito.

— Na minha opinião, ela estava fazendo uma visita aos bairros miseráveis. Sabem como é, as senhoras da alta sociedade adoram essas coisas. E creio que ela pertencia ao Culto da Melhoria dos Varais, no qual atua como testadora. Sua função é atravessá-los com as mãos e, se eles conseguem sustentar seu peso, são aprovados pelo censor.

— E se não conseguem?

— Evidentemente, esse transtorno não havia ocorrido na época do nosso problema, então não pode ser considerado.





TITULO DA OBRA

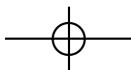
— Creio que Gryce está certo sobre a visita — Luther Trant observou. — Mas o motivo para a dama estar pendurada do varal é a necessidade imperativa que sentia de se arejar totalmente após conhecer os cortiços. Esses locais exalam um odor específico que, se me dão a licença, exige o uso de ozônio em grandes quantidades.

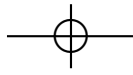
— Vocês são materialistas demais — disse a Máquina de Pensar, com uma expressão distante nos olhos azuis pálidos. — A dama é discípula do Novo Pensamento. Ela precisa se colocar em silêncio, ou se concentrar, ou seja lá como chamam. E elas sempre escolhem os lugares mais estranhos para essas sessões de reflexão. Elas precisam de solidão e, pelo que entendo, o varal não estava tumultuado, estava?

Rouletabille respondeu com uma gargalhada.

— Você está enganado, Máqui. O problema da moça é só que ela queria emagrecer. Li muito sobre isso nas revistas femininas, elas todas querem emagrecer. Vivem fazendo exercícios malucos e essa história de cruzar varais com as mãos é só mais um. Aposto que ela perdeu uns dez daqueles quilinhos que o Sherly disse que ela tinha.

— Ora, puxa e francamente! — Raffles observou com seu linguajar da alta sociedade. — Vocês não me enganam. A espertinha estava inventando uma nova dança que vai ser a sensação do inverno. Preparem-se para as manchetes de do-





MODO GARANTIDO DE PEGAR QUALQUER

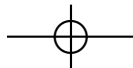
CRIMINOSO. RÁ! RÁ!
mingo: “Dança Incrível! A Valsa do Varal é a Nova Coqueluche!” Era *isso* que estava acontecendo. O que vocês acham, hein?

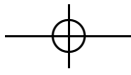
— Vá dar uma volta, Raffles — Holmes disse, caridoso. — Você ainda está dormindo. Sprague, o Científico, você às vezes propõe uma teoria mais intrincada. O que diz desta vez?

— Não precisei de ciência — Sprague disse, distraído. — Assim que ouvi que ela estava com o cabelo solto, deduzi a conclusão correta. Ela havia lavado o cabelo e estava secando-o. Minha irmã sempre coloca a cabeça para fora da claraboia, mas o plano dessa dama foi, na minha opinião, mais bem-sucedido.

Agora que todos haviam anunciado suas teorias, o Presidente Holmes se ergueu para oferecer o benefício inestimável da sua própria opinião.

— Suas ideias têm algum mérito — ele admitiu. — Contudo, estão ignorando o elemento do eterno feminino no problema. Assim que contar a solução verdadeira, todos vão se perguntar como não a enxergaram. A dama pensou ter ouvido um camundongo, então saiu correndo pela janela, preferindo arriscar sua vida no varal do que permanecer nos mesmos aposentos que um camundongo. Foi tudo muito simples. Ela estava se penteando e jogou a cabeça para a frente para torcê-lo, como elas sempre o fazem, e então espiou o camundongo sentado no cantinho.





TITULO DA OBRA

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson exclamou, voltando de sua pequena missão.

Enquanto ainda ponderavam a sabedoria suprema de Holmes, o telefone tocou.

— Estás aí? — disse o Presidente Holmes, sempre impecavelmente britânico.

— Sim, sim — respondeu a voz impaciente do chefe de polícia. — Pode suspender a busca e chamar de volta os detetives. Descobrimos quem era a mulher cruzando o varal e por que ela fez isso.

— Não imagino que saiba de fato — Holmes disse para o transmissor. — Mas me conte o que acha que sabe.

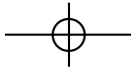
— Argh! É claro que sei! Não passou de um daqueles benditos golpes publicitários para o cinema!

— É mesmo? E por que a senhora tirou o sapato?

— Argh! Era parte da história idiota. O nome dela é Flossy Flicker, da Flim-Flam Film Company, e está filmando um suspense de seis rolos, *Com a Corda Toda*.”

— Ah — Holmes respondeu suavemente. — Meus parabéns à Srta. Flicker pelo excelente trabalho.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson disse.





Cherchez la Femme

A Sociedade dos Detetives Infalíveis esperava algo para engolir. Havia muito tempo que os membros não enfrentavam um caso que pudessem realmente celebrar e seus intelectos enferrujavam com o desuso.

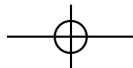
— Olhe pela janela, Holmes! — Watson disse, petulante, para o presidente saturnino da Sociedade. — Quase sempre que olha, você vê alguém se aproximando e acaba sendo um caso.

Deixando de lado sua agulha hipodérmica, Holmes deu de ombros e se dirigiu à janela, onde ficou observando a cena da rua, tenso e melancólico.

— Alguém está entrando — ele disse lentamente. — Pode ser que seja um caso. Se não me engano, é a pegada dele que escuto nas escadas.

Antes de Holmes terminar de falar, alguém bateu à porta. Um jovem rapaz de vinte e seis verões e meio no outono seguinte adentrou a sala e se atirou, desanimado, na exata cadeira para a qual Holmes lhe indicava.

— Como você entrou no elevador da Nona Avenida na altura da Rua 93 e saiu na Sexta Avenida





TITULO DA OBRA

com a 28, você não podia simplesmente deixá-lo no concerto, ora — Holmes observou, solidário.

— Não — o jovem respondeu, desalentado. — E o diabos é que...

— Sim, eu sei, esses relógios de escapamento cilíndrico não. Mas que problema o traz a nós?

O jovem olhou com o ar pasmo que mais cedo ou mais tarde sempre aparece nos olhos dos clientes de Holmes.

— Mas ora, como você sabia onde eu entrei e onde saí? Como sabia que meu relógio se atrasara? Como...?

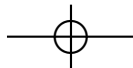
— Eu sei mais do que isso, Sr. Elmer Ensign. Mas por que está atrás dela nas cozinhas alheias?

O visitante ficou de queixo caído. Era um queixo quadrado, jovem, barbeado, mas caiu ainda assim com a surpresa intensa registrada por seu proprietário.

— Elementar, meu caro, elementar. Mas o tempo está se esvaindo. Não seria melhor apresentar seu caso? Estamos aqui todos reunidos, nosso bando de Detetives Infalíveis, e se alguém pode resolver seu mistério, somos nós.

— Bem, cavalheiros, é um caso de sequestro.

Vários “ahs” escaparam dos semblantes esfíngicos dos detetives. Dupin e Lupin esfregaram as mãos como legítimos franceses, enquanto Lecoq e Vidocq deram de ombros, também ao modo de sua cidade natal.





CHERCHEZ LA FEMME

A Máquina de Pensar piscou seus olhos azuis pálidos e idosos e o Sr. Gryce concentrou seu olhar fixamente em uma conchinha no porta-bibelô.

— Sim — o Sr. Ensign continuou. — Titia...

— Gracie Golightly — Holmes observou com destreza e cortesia.

— Sim — Ensign respondeu bruscamente. — Se conhece a história tão bem, por que não conta você mesmo?

— Continue — a Máquina de Pensar disse, irritado. — Dois e dois são quatro, não agora, mas todas as vezes. Continue de uma vez!

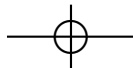
— Bem, cavalheiros, é o seguinte: Apesar de ser minha tia, eu não a via a anos até a noite passada. Ela chegou em casa às nove e disse que estava decidida a alterar o testamento. Ela ia deixar sua fortuna, sabem, para...

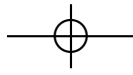
— Ela é Golightly, a dançarina? — Lupin perguntou com interesse renovado.

— Era. Ela deixou os palcos. Ela... hã... bem, ela...

— É mais jovem do que já fora — Holmes disse, saturnino.

— Exatamente, muito bem colocado — e o Sr. Ensign riu, nervoso. — Bem, ela tem uma causa filantrópica favorita e deixou todo o seu dinheiro para ela, mas depois mudou de ideia e veio nos contar. Ficamos um tempo conversando sobre o assunto, depois chegou a hora de irmos para a cama.





TITULO DA OBRA

Hoje de manhã, Titia sai para dar sua caminhada matinal, o rubor da juventude de volta ao rosto, uns passos ligeiros sob o sol, esse tipo de coisa. Mas não voltou. Saímos em busca, corremos o dia inteiro até o meio-dia. Daí recebemos uma mensagem misteriosa, datilografada. Olhem só!

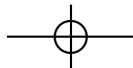
O papel que ele mostrou lia:

Temos gracy Golitely. Vamos fica co ela até resseber o resgate não inporta o que ela fizer. Mande cinquenta mil dólares como mandamos ou não vae mais ver sua Tia dinovo!!!

Séq Uestro.

— Qual era a sua causa filantrópica favorita? — perguntou Craig Kennedy, as sobrancelhas se encontrando acima do nariz enquanto resmungava a pergunta.

— Ah, sim, era uma causa muito nobre — disse o jovem Ensign. — Fornecer copeiros para copas descopeiradas. Vocês sabem que qualquer casebre tem sua própria copa, mas os donos nem sonham em colocar um copeiro dentro dela. Minha Tia Gracie decidiu que era uma vergonha ver tantas copas sendo desperdiçadas e dedicou sua vida a alojar copeiros dentro delas e deixou toda a sua fortuna para a causa. Mas de uma hora para a outra ela se desgostou da ideia e decidiu deixar a grana para mim e Minna. Minna é minha mulher. Titia veio lá em casa resolver a questão ontem à noite e agora



ela... ela foi sequestrada. Obviamente, a Associação dos Copeiros está por trás disso. Os copeiros contrataram o tal Séq Uestro para cometer o crime, mas são eles que estão financiando o esquema. Vocês podem resgatá-la, por favor?

— Vamos! — os detetives anglófonos proclamaram em coro.

— *Cherchez la femme!* — exclamaram os franceses.

— Muito bem, *chassez* e *cherchez* — Holmes disse, e isso é mais difícil de dizer do que parece.

— Há alguma pista? — Rouletabille perguntou, balançando sua cabeça redonda em um círculo.

— Aqui está um retrato de Titia — o Sr. Ensign disse, retirando uma fotografia do bolso.

Parecia... bem, você sabe como é a fotografia de uma dançarina profissional. Era um estudo em movimento emocional. Todos a estudaram por um longo instante.

— Sua tia? — Holmes disse, duvidoso.

— Bem, tia-avó — o jovem Ensign corrigiu. — Ela...

Mas ninguém o ouviu, estavam todos fotografando as impressões digitais no cartão.

— Não suponho que o senhor tenha uma gota do sangue dela, tem? — Craig Kennedy disse, abstraído. — Não? Que pena. Gostaria de experimentar minha sismosfigmagonça nele. Seria...



TITULO DA OBRA

— Mas *que* pérolas! — comentou Arsène Lupin, indicando a joalheria montada sobre a garganta alongada de Gracie Golightly.

— Eram mesmo — o sobrinho suspirou. — Mas ela as vendeu para ajudar aqueles copeiros de uma figa! Eu gostaria de trazê-la de volta antes que perca todo o resto dos penduricalhos. Vocês sabem como são essa gente de teatro!

— Alguma outra pista? — Holmes saturninizou.

— Sim, uma abotoadura quebrada e farrapos de um material de lã negra, recolhidos onde o corpo não foi encontrado. Ah, senhores, por favor, vocês acham que encontrarão minha querida titia?

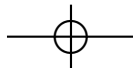
Havia algo de patético na tristeza daquele jovem.

— Sim, é claro — Holmes respondeu no mesmo instante. — Essas pistas resolvem a situação perfeitamente. Vejo que o sequestrador tinha 1,75 m de altura, usa meias tamanho dez e meio, reparte o cabelo no lado e teve sarampo na infância. O vestido de sua tia é um pouco antiquado — ele completou friamente para o cliente.

— Sim — Ensign concordou. — Mas é melhor do que nada.

— Talvez — Lecoq disse. — Começamos agora, chefe?

— Sim — Holmes respondeu com um leve tom de saturninidade. — Vão em frente e *cherchez* essa



femme.

— Caiu uma neve fraca? — Dupin perguntou, ansioso.

— Sim, é claro, as pegadas estão à espera. Vão! Eles foram.

Holmes roçou as pontas dos dedos brancos da têmpora esquerda até a direita, então alcançou seu violino e começou a tocar “When We Were Twenty-one”.

— Grace Golightly! — ele disse, nostálgico. — Foi em “The Black Crook” ou...

— Mas que coisa — Ensign, que ainda não havia saído, interrompeu. — Como você sabia que meu relógio estava parado?

— Quando entrou, você olhou para o relógio de pulso e depois para o meu relógio de parede. Como o seu estava dez horas atrasado, deduzi que ele estava parado. Esses brinquedos com escapamentos cilíndricos não...

— Sim, eu sei. Mas e quanto a entrar na Rua 93 e sair na 28...

— Elementar, absolutamente primário. Acabaram de pintar um hidrante de vermelho na Rua 93 e uma caixa de correio de verde na 28. Você absorveu uma pincelada de cada no casaco enquanto passou por eles.

— Rá! Você tira toda a graça! Mas como sabia que eu correria atrás de Titia nas cozinhas?

TITULO DA OBRA

— Estamos em uma manhã de segunda-feira e senti o odor de espuma de sabão. Imaginei que estava correndo atrás de copas sem copeiros e que as senhoras estavam lavando suas próprias roupas.

— Exato! Agora tenho que voltar para o escritório. Quando vocês vão ter Tia Gracie de volta?

— Logo, creio. Não se preocupe. Vou telefonar quando pegarmos esse Séq Uestro com a mão na cumbuca. *Au revoir*, meu caro, e diga a sua esposa para não usar sapatos pequenos demais para os pés dela.

— Deus me abençoe! Como você sabia que ela faz isso?

— As mulheres sempre o fazem. Até.

Ensign partiu, e o jovem suplente que ocupava o lugar de Watson disse “que maravilha, Holmes, que maravilha”, mas com tão pouco entusiasmo que precisou ensaiar a fala duas ou três vezes.

Saltemos agora para o momento em que os detetives voltaram de sua missão. Todos, sem exceção, anunciaram o mais absoluto fracasso.

Sherlock Holmes estava enojado.

— Mas que belo bando de detetives infalíveis — ele saturninizou. — Tenho vontade de renunciar ao cargo de presidente desta sociedade.

Os outros pareceram esperançosos, mas Holmes era um homem de muitas ideias e nenhum confiou muito na sugestão.

— Saí e acampeí na copa de uma quitinete — Vidocq explicou. — Obviamente, ela apareceria por lá mais cedo ou mais tarde.

— Não se ela foi sequestrada — Dupin protestou. — De minha parte, me dirigi imediatamente à Associação dos Copeiros para lhes perguntar sobre o caso, mas eram todos uns esnobes e não consegui marcar uma audiência.

— Não estou interessado em ouvir suas desculpas — o Presidente Holmes disse, parecendo distraído e desalentado. — Se achasse que vocês dariam uma bola fora com um caso tão simples, teria ido eu mesmo.

— Encontrei uma mulher que provavelmente era a Sra. Golightly — Dupin afirmou. — Ela disse que não era, mas você sabe como são as mulheres, não conseguem dizer a verdade nem quando tentam, então ouse dizer que era ela.

— E por que não a trouxe?

— Ela se recusou. Você sabe como são as mulheres, se quer que façam alguma coisa, é impossível obrigá-las.

— Não se pode pegar uma mulher — Arsène Lupin declarou, categórico. — É simplesmente impossível.

— Mas então o que acontece com o lema dos detetives, *Cherchez la Femme*, é isso que eu gostaria de saber — Lecoq praticamente gritou. — Trabalho com base nessa ideia há anos e...



TITULO DA OBRA

— Deixa para lá, Lecoq, meu velho — disse Rouletabille, que era o membro mais jovem da Sociedade — Essa base está para lá de gasta. Eu digo: “Melhor fogo contra fogo e *femme* contra *femme*”. Que tal?

— Nada mal — disse Vidocq. — Mas quem? Kitty Ketcham?

— Não! Ela não sabe nada *chercherar*. Mas conheço uma moça — Rouletabille disse com um ar de esperto, — que vai resolver isso para nós. O nome dela é Fluffy Raffles.

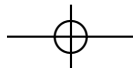
— O nome basta — Holmes disse bruscamente. — Telefone-a agora mesmo.

Rouletabille telefonou e, após o menor intervalo possível, uma visão raiou na porta da Sociedade.

Era bonita, Fluffy Raffles, ah, *como* era! Olhos da cor de merinó azul-claro, bochechas como almo-fadinhas de cetim rosa e cabelo como uma barra de ouro. Agora você sabe exatamente como ela era.

Fluffy vestia um vestido diáfano de chiffon fofo fulgurante e um chapéu de jardineiro dois números maiores do que sua cabeça, com pencas e cachos de botõezinhos de rosa ao redor. Esse era seu uniforme de negócios, então imagem só como ela era quando se enfeitava!

Ela aceitou uma das dezessete cadeiras que os homens a ofereceram (alguns ficaram tão distraídos que ofereceram duas ao mesmo tempo) e, cru-



zando seus sapatinhos brancos (que, ainda assim, eram grandes demais para ela!) disse, toda recatada (sua boquinha almofadada era do tipo que sempre fala recatadamente):

— E então?

Assim que se desatordoaram dos efeitos daquela voz de sundae de morango, os detetives explicaram o caso para ela.

— Deixa eu ver a fotografia — ela disse, cheia de doçura.

Todos agarraram a foto ao mesmo tempo e ela remontou os pedaços num instante, como se fosse um quebra-cabeças.

— Essa é Gracie Golightly? — ela exclamou. — Ora, eu vi ela uma vez, quando era só um pedacinho de gente... mas ela estava bem melhor que isso.

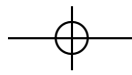
— De fato, ela decaiu um pouco — Holmes disse, estudando o retrato.

— Ela decaiu até o fundo do poço — Fluffy Raffles disse, decidida. — Não importa. O que vocês querem que eu faça?

— *Cherchez la femme* — Lecoq exclamou, contente em recorrer mais uma vez à fórmula.

— Isso! — Fluffy exclamou com seu sorriso perolado. — Deixa ver... é...

Fluffy formou uma covinha no cotovelo e esticou seu belo pescocinho e retorceu seu rosto elástico e completou todas as manobras necessárias para



TITULO DA OBRA

enxergar seu relógio de pulso com o lado certo para cima até anunciar a hora, triunfante, vinte e sete minutos atrasada. Mas ninguém a corrigiu; em vez disso, todos discretamente puxaram seus ponteiros vinte e sete minutos para trás.

— Você vai conseguir encontrá-la? — a Máquina de Pensar indagou, entrelaçando e desentrelaçando seus dedos.

— Clarquessim — disse Fluffy, que emendava suas falas. — Mas num preciso sair agora. Vou me acomodar.

Atirando seu chapéu de ciranda cirandinha, ela se acomodou confortavelmente ao telefone e pediu que lhe trouxessem chá.

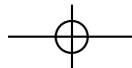
Enquanto todos os detetives saíram para buscar o chá, Fluffy abriu a lista telefônica, enorme e pesada como era, e começou a ligar para um número depois do outro, o mais rápido que podia. Eram todos os números de relojarias, consertadores de relógios ou simples joalherias.

Ela parou para o chá entre *L* e *M* e pediu um copo d'água entre *V* e *W*, mas após algum tempo chamou todos os presentes.

— Bolas! — ela exclamou, fingindo estar braba. — Eu devia ter começado de trás para diante!

Pois foi em *Zykowski* que ela acertou o lugar que queria!

Ainda assim, ela acertara, e com um sorriso recatado, sorriu para Holmes e disse:



— A Gracie está no número 487 da Rua 34 Norte.

— O eterno feminino — Holmes declarou gravemente, — é simplesmente uma capacidade infinita para a descoberta.

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — exclamou o substituto do Dr. Watson, com tanta untuosidade que recebeu um aumento ao final da semana.

Holmes destacou todos os outros detetives para buscarem a *femme* recém-chercherada, mas eles se recusaram.

— Telefone.

— Avise o sobrinho, deixe que ele vá.

— Mande um telegrama.

— Vá você mesmo.

Essas e outras réplicas insatisfatórias responderam à ordem de Holmes.

Fluffy Raffles riu e disse:

— Deixaqueuvô.

E então todos disseram que iriam também.

Assim eles foram buscar Gracie Golightly, a devolveram aos parentes cheios de expectativa e então foram jantar em um salão repleto de luzes cintilantes.

— Conte-nos como conseguiu — Holmes disse, saturbenigno.

— Bem — Fluffy começou, ampliando seu sorriso com mais um centímetro de vermelho, — eu percebi que Gracie não tem uma beleza fatal. Nada



TITULO DA OBRA

de errado nisso, né, a sorte dela está nos pés, não na cara. Ela pode ser incrível pra a mãe e pros parentes e pros copeiros, mas é feinha de parar relógios. Então simplesmente telefonei para ver quem havia ligado para um relojoeiro de emergência para consertar vários relógios parados, e descobri que o Zykowski tinha sido chamado exatamente para isso. Eu só perguntei quem tinha feito o chamado e... feito!

— Que maravilha, Holmes! Que maravilha! — o Dr. Watson exclamou, de volta ao seu lugar.

— E foi isso que parou o relógio do jovem Ensign — Rouletabille refletiu. — Ele vira a tia pela primeira vez em anos na noite anterior e seu relógio parou no mesmo instante.

— Sim — Fluffy disse, criando uma covinha na face esquerda. — Só aquela foto da Gracie atrasou meu relógio de pulso vinte e sete minutos. Eu devia ter usado o de tornozelo!

Fontes

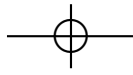
The Adventure of the Mona Lisa: *The Century Magazine*, Janeiro de 1912.

Sure Way to Catch Every Criminal. Ha! Ha!: *The Tennessean* (Nashville, Tennessee), 10 de março de 1912, Página 43.

The Adventure of the Lost Baby: *New-York Tribune*, 23 de fevereiro de 1913, Páginas 38-39

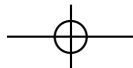
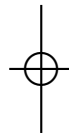
The Adventure of the Clothes-Line. *The Century Magazine*, Maio de 1915.





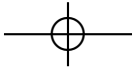
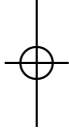

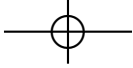
CHERCHEZ LA FEMME

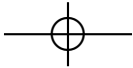
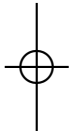

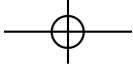
Cherchez la Femme. *The Green Book Magazine*,
Fevereiro de 1917

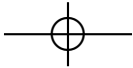


COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acusol*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polífemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence

- 
- 
- 
- 
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
 50. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
 51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
 52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
 53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
 54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
 55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
 56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
 57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
 58. *No coração das trevas*, Conrad
 59. *Viagem sentimental*, Sterne
 60. *Arcana Caelestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
 61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
 62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
 63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
 64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
 65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
 66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
 67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
 68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
 69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
 70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
 71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
 72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
 73. *Entre camponeses*, Malatesta
 74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
 75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
 76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
 77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
 78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
 79. *A metamorfose*, Kafka
 80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
 81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
 82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
 83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
 84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
 85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
 86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
 87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
 88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
 89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
 90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
 91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
 92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
 93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
 94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyô
 95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
 96. *A volta do parafuso*, Henry James
 97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
 98. *Teatro de êxtase*, Pessoa

- 
- 
- 
- 
99. *Carmilla* — *A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Insmouth*, H.P. Lovecraft
112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
116. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamantis
127. *Lisístrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca
132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisseia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
140. *Eu*, Augusto dos Anjos
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*, Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
145. *A arte da guerra*, Maquiavel

- 
146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
 147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
 148. *Oliver Twist*, Dickens
 149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
 150. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

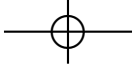
«SÉRIE LARGEPOST»

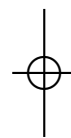
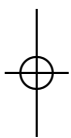
1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
3. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
4. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
5. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
6. *O destino do erudito*, Fichte
7. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
8. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada*, Anna P.
2. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
3. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
4. *Poesia Vaginal*, Glauro Mattoso
5. *perversão: a forma erótica do ódio*, oscar wilde
6. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
 2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
 3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
 4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
 5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
 6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
- 



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em
nossas oficinas, em 4 de outubro de 2017, em tipografia
Libertine, com diversos softwares livres, entre eles, LuaTMTeX,
git & ruby.
(v. 4c2fboe)

